

LALÍNGUA NA CLÍNICA*

Luciano Elia**

LAEP

Resumo: Neste artigo, o autor parte do problema da tradução da palavra “lalangue” em português, dando as razões pelas quais prefere “lalíngua” a “alíngua”, que seria sua tradução mais correta de um ponto de vista puramente formal. Faz então um rápido percurso pelo lugar que o campo da linguagem teve no ensino de Lacan desde seu início, assinalando criticamente a ruptura da psicanálise com todo funcionalismo. Apresenta em seguida as vicissitudes pelas quais este campo passou em seus momentos mais avançados. A escrita vai ganhando um lugar de primazia em relação à fala, o que permite o desenvolvimento de uma lógica que permitirá a abordagem do real, a formulação da sexuação e o tratamento do gozo. O corpo também será ressituído na psicanálise, na direção de torna-se cada vez mais coextensivo ao sujeito, através da ultrapassagem da dualidade corpo/mente, eminentemente cartesiana, pelos conceitos de substância, significância e, justamente, lalíngua, modo de uso da língua e da fala que não mais compartilha da ideia de um sistema ou mesmo campo, mas que se encarna na experiência que cada um faz da linguagem e seus efeitos sobre o corpo-sujeito.

Abstract: In this article, the author departs from the problem of the translation of the word lalangue in Portuguese, giving the reasons why to prefer lalíngua then alíngua, which would be its most correct translation of a purely formal point of view. Then he makes a quick tour of which place the field of language had in Lacan’s teaching since its inception, critically marking the rupture of psychoanalysis with all functionalism. Then he presents the vicissitudes through which this field has passed its most advanced moments. The writing is gaining a place of priority in relation to speech which allows the development of a logic which will allow real approach, the formulation of sexuation and treatment of enjoyment. The body will also be replaced in psychoanalysis, toward becomes increasingly coextensive the subject by passing the duality body / mind, eminently

cartesian, the concepts of substance, significance and precisely lalangue, language usage mode and speech that no longer supports the idea of a system or field, but that is embodied in the experience that each one makes of language and its effects on the body-subject.

Uma primeira observação que faço sobre este tema, importantíssimo, proposto por esta oportuna iniciativa editorial, consiste em uma precisão a respeito de sua tradução em português. *Lalangue*, fusão do artigo definido feminino singular (*la*) em francês, com a palavra, também da língua francesa *langue*, fruto do inconsciente *lalinguageiro* de Lacan, cuja intenção discursiva suposta era a de dizer *Lalande*, o autor e nome do grande dicionário de filosofia da língua francesa, assumiria, em português, de um ponto de vista estritamente formal, a forma *alíngua*, já que nosso artigo definido feminino singular é *a* e não *la*, como nas demais línguas neolatinas (francês, espanhol, italiano). Muitos psicanalistas brasileiros adotam esta forma - *alíngua* - para respeitar esta particularidade de nossa língua. Mas outros preferem seguir a forma *lalíngua*, que, se introduz um "l", um "la" ali onde em português só temos o "a", traz, por outro lado, a relação preciosa com a *lalação* (*lalation*), termo da língua portuguesa que tem esta função de designar um uso muito íntimo e primeiro da língua, e que se perderia na fórmula gramaticalmente correta. *Lalíngua* me parece, assim, mais respeitosa com a própria noção de *lalangue* do que *alíngua*, é mais *lalinguajeiro*, e por isso a adotamos.

Em seguida, e antes de tratar especificamente dos efeitos clínicos de *lalíngua*, acho importante situá-la no eixo do ensino de Lacan, tentando dizer a que ela veio.

Como sabemos, Lacan sempre insistiu no campo da linguagem, do qual destacou, em primeiríssima hora, a função da fala. Era, naquele momento, absolutamente fundamental conceber a linguagem como um campo dentro do qual o sujeito teria que advir, constituir-se, através da função da fala, e isso, de saída, já representava, de modo extremamente potente, a eliminação de toda forma de *funcionalismo*, que faz parte do método e da lógica das psicologias e da psiquiatria, do discurso médico-psicológico, aplicado à psicanálise. Tomar o sujeito como um indivíduo composto de funções e abordá-lo a partir dessas funções, também chamadas de faculdades mentais (atenção,

consciência, memória, humor, afetividade, inteligência, pensamento, senso-percepção, e – e neste ponto é que se produzia o escândalo – linguagem, sexualidade...). Ora, a psicanálise subverte esta lógica, começando por tomar justamente essas duas últimas categorias – sexualidade e linguagem – antes como campos do que como funções (o que incidentalmente torna ridícula qualquer atribuição de pansexualismo a Freud, como se ele alçasse uma função, a sexual, ao lugar de topo das funções, quando a sexualidade jamais foi, para Freud, uma função, mas um campo), e a faz recobrir de um outro campo, o da linguagem, como lugar do registro simbólico que dá à sexualidade a dimensão de campo do desejo.

A psicanálise não admite o sujeito como dotado de funções e toma, pelo contrário, o sujeito, ele próprio, como uma função, uma função de um campo, o campo da linguagem, homeotópico a uma outra função *princeps* deste campo, a função da fala: função da fala no campo da linguagem. Um psicanalista jamais recebe alguém com sua atenção voltada para o funcionamento de suas funções ("*Como está o humor deste paciente?*", "*Em que condições encontra-se a sua sexualidade?*" "*Será ele inteligente?*"). Ele o convoca a falar, a colocar a função da fala em ação, e, a partir daí, vai situando suas posições propriamente subjetivas. O analista só consegue isso:

...ao preço de uma submissão completa, ainda que advertida, às posições propriamente subjetivas do doente, posições que com demasiada frequência se forçam ao reduzi-las no diálogo ao processo mórbido, com isso reforçando a dificuldade em adentrá-las devida à reticência provocada, não sem fundamento, no sujeito. ¹

Todos nós sabemos a força discursiva que decorreu deste passo inicial de Lacan, sem o qual a psicanálise freudiana teria morrido afogada no mar do discurso médico-psicológico funcionalista, como ocorre mesmo hoje em dia entre muitos psicanalistas de orientação não-lacaniana.

Entretanto, os desdobramentos do ensino de Lacan levaram a experiência analítica a reduzir cada vez mais uma espécie de fosso que se criou exatamente em decorrência deste passo inicial (e, repetimos, fundamental, decisivo) de Lacan.

Lacan foi levado a radicalizar a função do Outro como campo de linguagem, mesmo o desdobrando como lugar da Lei, através do nome-do-pai que, "como significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da Lei"; ou seja, mesmo assinalando, desde sempre, que o Outro é furado pela lei, que o nome-do-pai não é o signo da ordem que virá regular um mundo em desordem, como pretendem alguns psicanalistas "lacanianos" amantes do pai (e que nada entenderam em suas análises sobre o que é efetivamente o nome-do-pai, a ponto de clamarem por "seu retorno" para "arrumar a casa do mundo, que teria virado um bordel de gozo irrefreável"), mas que o nome-do-pai é antes a garantia de que o Outro não será consistente, significante que, conjugado a outros dois significantes específicos da álgebra lacaniana, o falo e o $S(A)$, assinalam a castração do Outro, e não sua suposta potência reguladora da ordem social.

Por já estar indicada desde sempre, no ensino de Lacan, esta dimensão fundamental de barra que é própria ao significante, os desdobramentos deste ensino não poderiam conduzir a outra coisa senão ao dizê-lo cada vez mais, melhor e mais claramente. Se Lacan propõe o bem dizer o sintoma, já que ele é um mal-dito, um dito que não se diz bem, podemos aplicar ao próprio ensino de Lacan esta dimensão do bem-dizer, e afirmar que Lacan dirá cada vez melhor o que tem a dizer.

E é nesta direção do dizer melhor que ele chegará a dizer que a linguagem que interessa à psicanálise não é a linguagem própria à Linguística, mas a *linguisteria*, a linguagem que é própria ao inconsciente e ao sujeito, e não aquela que os linguistas estudam. A Lição II do Seminário XX, *A Jacobson*, pode assim ser lida e, portanto, interpretada (já que, neste momento, a interpretação é o equivalente do bem-ler a escrita): *Adeus a Jacobson, adeus à linguística*.

Foi no Seminário anterior, proferido em paralelo ao Seminário XIX (*Ou pior*, de 1971/72) e intitulado *O saber do psicanalista*² que Lacan, atravessado pela sua *linguisteria*, faz o ato falho que substitui *Lalande* por *Lalangué*, a que nos referimos antes, e bem-diz, assim, o que se anuncia, e que proporei aqui como sendo o definitivo golpe na dualidade cartesiana entre uma ordem cogitante e uma ordem extensa,

entre mente e corpo, entre um campo de linguagem e de significantes que se estruturam no simbólico e um corpo que, para constituir-se em sujeito, deve submeter-se a este campo, alienar-se nele, transmutar-se em corpo significantizado, mortificado pelo significante, que reencontrará pela única via do falo a vitalidade do seu desejo.

O fosso entre duas ordens se dissipa com a redução do Outro ao outro, já pronunciada desde o Seminário XVI³, e que levou no seminário seguinte, o XVII⁴, à chamada (um tanto impropriamente, a meu ver) "teoria dos 4 discursos", ou seja, à proposta de uma nova forma da estrutura, que é escrita e, de saída, sem palavras.

Penso que a primazia da escrita sobre a fala corresponde à prevalência cada vez maior do corpo, não um corpo miticamente concebido em seu estado "primeiro e inicial" como pura carne, ou mesmo organismo, que viria a ser transmutado, pela ação do significante, em corpo erógeno, falicizado, mas um corpo que, de saída, é substância gozante, a terceira, que subsume as duas substâncias cartesianas, dispensando-as.

Ora, corpo tem materialidade, assim como letra tem corpo. Trata-se da *materialidade* de que fala Lacan na Conferência de Genebra sobre o sintoma, a mesma em que retoma a questão de lalíngua, e não da materialidade do simbólico, a dimensão material do significante, desde sempre afirmada por Saussure (dimensão material do signo). Não é disso que se trata, mas da materialidade do gozo no corpo, o que só pode tomar a forma da letra de gozo.

Uma noção de linguagem se impõe, e esta noção é lalíngua, a língua que desde o primeiro momento (e não como resultado de uma operação acionada pelo simbólico) opera no corpo do falante, do parlêtre.

Talvez o aspecto mais importante a ressaltar com a introdução de lalíngua seja a mais completa dissolução de uma ideia que, se nunca foi a rigor lacaniana, impregnou e ainda impregna muitos analistas: a de que um corpo se duplica em uma psique. Se articularmos isso com a relação a estabelecer entre corpo e linguagem, entre corpo real e corpo simbólico, teremos reproduzida esta duplicidade. Lacan pergunta, atribuindo esta ideia aos psicólogos, que sempre se mantiveram na mais completa surdez em relação ao que lhes poderia ter transmitido a psicanálise: por que diabos o homem seria um corpo acoplado, ou melhor, adjunto, colado a uma psique?

Ora, se há nas línguas algo que não seria de modo algum teórico, nem passível de uma explicação teórica, é o fato de que determinadas relações entre palavras não são casuais. *Ne* e *noeud*, *pas* e *pas*, em francês. Em português, falo [*hablo*, *je parle*] e o falo, por exemplo. Por que cargas d'água - cargas que são na verdade filológicas - o ato de falar em português foi ganhar um F no lugar do P que tem em francês e italiano - *parler* e *parlare* - e que em espanhol torna-se H (*hablar*)? Disso decorre que, na primeira pessoa do presente do indicativo, o ato de falar seja a mesma palavra que designa o *falo*, e é bem claro que isso não é sem consequências para o falante de língua portuguesa, o *parlêtre*, o falasser lusófono.

Lacan evoca a imagem da *peneira* como sendo o corpo pelo qual passa a linguagem deixando detritos, resíduos que não passam, e que formarão o barro de lalíngua, a aluvião lalinguageiro com o qual o sujeito montará seu gozo.

O gozo, este é o último aspecto a tratar, nesta breve articulação sobre lalíngua. Lalíngua, mais do que a linguagem faz do corpo um lugar de gozo, a peneira onde restam os detritos que a linguagem deixou ao passar. Se lalíngua é lalação, algo que diz respeito, no mais alto grau, à fala em sua dimensão mais íntima, ela se encorpa pela via da escrita, ela se escreve no corpo como letras de gozo, pois as letras, mais do que as palavras que são ditas, ganham corpo, ganham o corpo.

Na clínica das psicoses, particularmente a do autismo, temos podido verificar poderosos efeitos que lalíngua propicia na prática psicanalítica, nas concepções teóricas e discursivas, enfim. Crianças que não falam no sentido de usarem o código compartilhado da língua civil, mas que ainda assim falam, pois usam elementos lalinguageiros tais como sons articulados fora deste código, começam a introduzir a prosódia das frases faladas em sua enunciação, desde que os que dela tratam tomem sua lalíngua em conta clínica.

Mas é também na clínica das neuroses que a lalíngua incidira, inflexionando o curso da direção da análise, evidenciando pontos irredutíveis de gozo na redução dos sintomas e das incidências da fantasia, pontos que só se revelam e tomam seu lugar no campo do gozo se houver redução do Outro, da consistência do campo da linguagem e da própria lei do significante, a lei do nome-do-pai, que não deixará de vigor e nem vigorá menos.

Esta relação do final de análise com a lei nos evoca à frase final do Seminário XI, em que Lacan diz, acerca do desejo do analista, que ele engendra um amor fora dos limites da lei:

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem pela primeira vez em posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, *porque fora dos limites da lei, só onde ele pode viver.*⁵

Não sem a vigência do nome-do-pai e da lei, porém fora dos estritos limites delineados por ele e por ela, e tal como acontece no desenlace da análise, o analista terá que des-ser, perder o estatuto que a função simbólica lhe conferia. Se o analista des-é, é para que, desido, o analisante se o torne, torne-se um analista.

Referências Bibliográficas

- LACAN, J. (1957/58). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1963/64). “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. In: *Seminário, Livro XI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. (1968/69). “De um Outro ao outro”. In: *O Seminário, Livro XVI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. (1969/70). “O avesso da psicanálise”. In: *O Seminário, Livro XVII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____. (1971/72). “O saber do psicanalista”. In: *Seminário, Livro XIX: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

Palavras-chave: lalíngua, linguagem, psicanálise

Keyword: lalangue, language, psychoanalysis

Notas:

* Este texto responde ao "Manifesto de provocação" intitulado *H(a) língua* e ao amável convite de Ana Laura Prates Pacheco, organizadora, ao lado de Marcos Aurelio Barbai, do Dossiê que constitui o número especial desta Revista.

** Psicanalista membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise (LAEP), instituição-membro de Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Lacaniana; um dos convidados pela Escuela Freudiana de Buenos Aires, também membro de Convergência, para esta Mesa-Redonda.

¹ Lacan, J. - *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957/58), in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 540.

² Documento de trabalho, inédito.

³ Lacan, J. - *O Seminário, Livro XVI - De um Outro ao outro* (1968/69), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

⁴ Idem - *O Seminário, Livro XVII - O avesso da psicanálise* (1969/70), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

⁵ Idem, *O Seminário, Livro XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1963/64), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.